



Director literario:

*Armando Leite Moraes*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Collaço*  
PAPUSSE

ERA UMA VEZ...

## O Palácio Misterioso...

Por ARMANDO LEITE MORAIS

Desenho de EDUARDO MALTA



ODA a gente que passava por aquele palácio, dizia: — «Este é o Palácio Misterioso... quem lá entra já não sai!»

Efectivamente, naquele misterioso palácio quem entrasse não tornaria a sair!

Um dia, apareceu, naqueles arredores, um certo rapaz, que, pelas suas finas maneiras e pela amabilidade com que tratava todas as pes-

soas, se tornou desde então estimado por toda a gente daqueles sítios. Jovem ainda, pois teria apenas uns 24 anos de idade, era alto, moreno, um pouco fraco de aparência, mas de desenvolvida musculatura.

No seu comprido rosto, notava-se qualquer coisa que o fazia sofrer.

Andava sempre só; cumprimentava e falava a toda a gente, mas nunca se entretinha em grandes conversações. Ninguém sabia a sua vida, o seu passado! Sabiam que era um excelente rapaz e nada mais...

De manhãzinha muito cedo, lá andava ele sozinho; passeando pelos campos e jardins, curvando-se às florzinhas mais da sua devoção, e parecendo querer dizer-lhes qualquer coisa... que elas não compreendiam! Passando junto duma pequenina violeta... parou por alguns momentos e fixou-a comovidamente! Olhou para todos os lados e, não viu ninguém!



Sentou-se então ao pé dela, e muito baixinho com voz melancólica, disse-lhe: «Estamos no mundo sóz-



anos! Tu encontras-te aí sôzinha, sem teres ninguém que te ofereça um carinho, que tenha pena da tua tristeza! Só eu, que vivo como tu... sôzinho, compartilho das tuas máguas, da tua dor! Vem comigo! Ajuda-me a viver... procuraremos, juntos, aquela que mais amo neste mundo de ilusões e sofrimentos!!!

E lá se foram os dois... esperançados, que um dia... viessem a encontrar aquilo que, para êle, era a alegria e para a pequenina violeta o carinho! Numa encantadora manhã de primavera, toda aquela gente que vivia nas imediações do palácio, acordava sobressaltada, com uns ruídos estranhos que dêle vinham! Espavoridos, com os olhos esgaçados... olhavam uns para os outros, sem saberem explicar a origem de semelhantes ruídos!!

Entretanto aproximava-se Carlos — o jôvem a que há pouco me referi e que, até aqui, ignorava a existência daquele misterioso palácio.

Depois de estar inteirado da sua existência, ficou completamente pálido!!! Com os olhos semi-cerrados, as mãos crespadas... queria falar, mas não podia!

Aquela revelação representava, para êle, uma grande esperança ou uma grande desilusão!?

A pouco e pouco foi reanimando, e, embora ainda abatido pelo choque que acabava de sofrer, desapareceu!!!

Desde êste momento, nunca mais ninguém o tornára a vêr! Carlos desaparecera também!!!!

Não! Carlos só tinha desaparecido para aquela gente.

Numa czinha, riodesta e tristonha, carcomida pelos anos que por ela tinham passado, vivia Carlos com a sua inseparável pequenina violeta, que desde aquele melancólico encontro, nunca mais o tinha abandonado.

Fechado nesta modesta czinha, encontrava-se Carlos entregue aos seus pensamentos... vivendo agora só e exclusivamente da «esperança».

Todos os dias, ao crepúsculo, rezava baixinho, pe-

dindo a Deus que lhe desse forças e coragem, para vencer!

Uma noite sonhára que aquela que êle há tanto tempo procurava, estava sã e salva, na companhia de muitas encantadores e formosas meninas, num palácio encantado; vendo-a a sorrir-se para êle, a querer abraçá-lo, dizer-lhe muitas coisas, muitas... e quando estava prestes a chegar junto dela, para a trazer consigo, acordava!!! Quiz gritar... chamar pelo seu nome... mas não podia! Tinha a sua voz cortada pela desilusão!

Ajoelha-se, ergue as mãos ao céu, e exclama: Oh, Deus da minha vida... salvai-a! Não me deixeis sofrer mais! Fazei com que eu possa salvá-la! Levai-me para junto dela! Deixai-me morrer sonhando!!!

...E os seus rogos foram ouvidos. No dia seguinte, ao romper da aurora, lá vai êle mais a sua inseparável companheira... a caminho do palácio.

Ao chegar à porta daquele misterioso palácio, pára; procura nos bolsos qualquer objecto... mas não o encontra, quer voltar atrás para o ir buscar, mas não pode; tem na sua frente... a esperança, o sofrimento, a felicidade ou a morte... nem êle sabe!?

Num relâmpago, a porta abre-se, e êle, quasi que levado, entra instantaneamente!!!

Lá dentro, na primeira sala que lhe aparece, começa a sentir todas as suas forças e coragem suficiente para encarar todos os perigos e obstáculos, que lhe pudessem surgir.

Todas as portas se abriram automaticamente, para imediatamente se fecharem. Carlos, a cada passo que dá, fica encantado com tudo que os seus olhos vêem! Avançando sempre, chega por fim a uma sala, cujos objectos que a adornam deixam-no petrificado! Segundos depois, deixa de estar petrificado, para supôr que está sonhando! Mas... voltando à realidade, surgiu-lhe, pela frente, um estreito corredor que dá acesso a uma outra sala, mas esta toda de mármore, encontrando ao fundo algumas interessantes estátuas de mármore também.

Carlos, observava minuciosamente estas estátuas, quando, de súbito, lhe aparece por uma das tantas portas que a esta sala davam acesso, uma velhinha, que, a uma certa distancia, lhe pergunta: Que faz o menino aqui?!!!

Carlos, ao ouvir aquela velhinha, ficou muito surpreendido e um pouco embaraçado na resposta a dar-lhe, mas... a coragem, que dele se tinha apoderado, não o fez demorar muito na sua resposta.

— Dizem que aqui, é o Palácio Misterioso! Quem cá entra não torna a sair... mas eu tenho esperanças de voltar pelo mesmo caminho por onde vim!? Venho aqui procurar a donzela que é possuidora do meu coração e do meu amor... e ela deve-se aqui encontrar com certeza, porque um dia desapareceu misteriosamente da sua terra natal, não tornando mais a aparecer!

A velhinha, então, respondeu-lhe nos seguintes termos: Lá fóra o que dizem deste palácio, é verdade! Quem cá entra, já não pode sair mais!

Tenho aqui muitas meninas e todas elas se encontram espalhadas por diversas salas, mas todas elas estão encantadas... estão transformadas em estátuas mármóreas?

Nunca cá entrou nenhum jovem... foste tu o primeiro a profanar este palácio; por isso só tu podes desencantar o encantamento que elle encerra!!!

Carlos escutára aquella velhinha com a maior atenção, e... quando ella lhe disse que só elle o podia desencantar, ficou louco de alegria.

— Desta vez é que tornaria a ver a sua amada... aquella cujo desaparecimento tanto o fazia sofrer.

A simpática velhinha, vendo a attitude de Carlos, acrescentou:

— Vejo que te sentes feliz com o que te disse!? Pois bem! Darás um beijo nas testas das estátuas que te fór indicando, mas... toma muita cautela, hein?! Se deres, um beijo, em qualquer outra parte do rosto, todas ellas desaparecerão e nunca mais as verás, desaparecerão para o infinito!!!

Então a interessante velhinha disse:—Beija esta... e Carlos, obedecendo, beijou-a... e successivamente assim lhe foi indicando todas as estátuas que se encontravam por diversas salas. Porém, ao indicar-lhe a última observou-lhe: agora para todas as outras poderem voltar ao primitivo estado humano, terás que abraçar esta... e quando a tiveres bem apertada contra o teu peito, beija-a na sua bocca. Carlos assim fez... e ficou estupefacto!!! Sem saber... acabava de ter beijado a sua querida Graciosa!!! Aquella que há tanto tempo procurava por toda a parte; aquella que era, para elle, a sua alegria, o seu amor, e, até, a sua vida!!!

Não encontro palavras com que possa descrever o que foi aquele singular encontro... um delírio!!!

Carlos, rodeado das encantadoras e formosas ninfas, sentia-se imensamente feliz.


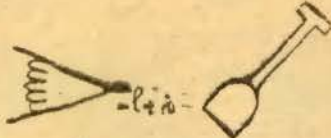
A velhinha, então, conduziu Carlos e todas as formosas meninas para um sumptuoso salão.


Este salão — diz a simpática velhinha — é o Salão da Felicidade, todos os seres humanos, que aqui entrarem serão abençoados pela Felicidade! Curvai-vos pois, perante aquella esfinge, e pedi a ella que vos dê «aquilo» de que ella é possuidora... a Felicidade!!!

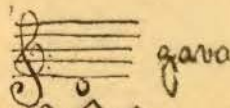

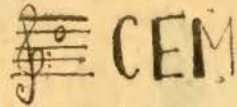
Carlos agora é muito feliz junto daquella que tanto ama, e as outras formosas meninas vivem com seus queridos pais, na maior felicidade também!

F I M

ENIGMA PITORESCO

1 *grau* 1  S  -l-a-

SSEAR e!  -na +M uma  Q

 gava AS  M OFE  CEM

 -a + eiros  *de Albuquerque*  
*920 Lisboa*

As pedras preciosas (ANEDOTA)

Uma dama muito rica trazia um belo adereço. Um dia, o seu moleiro pareceu olhar as suas joias com atenção. Muito lisongeadá, a

dama perguntou-lhe em quanto as avaliava. A surpresa do honrado homem foi grande ao saber que valiam mais de 25.000 francos.

— E quanto vos rendem essas pedras por anno?

— Nada.

— Então, replicou o moleiro, gosto mais das duas grandes pedras do meu moinho; ellas não me custam senão mil francos, e rendem-me quatrocentos.

# Os dois irmãos

VERSAO dum CONTO FRANCÊS

Por QUINTINO LUIZ MADEIRA RAMOS

Desenhos de EDUARDO MALTA

Jerusalem era um campo cultivado; dois irmãos possuíam a parte do terreno, onde hoje se eleva o templo; um destes irmãos era casado e tinha muitos filhos; o outro vivia só; cultivavam em comum o campo que tinham herdado de sua mãe.

Chegou o tempo da ceifa, os dois irmãos ligaram os seus mólhos e fizeram duas pilhas iguais, que deixaram no campo. Durante a noite, aquele dos dois irmãos que era solteiro teve um bom pensamento; disse a si mesmo: *«Meu irmão tem mulher e filhos a sustentar, e não é justo que a minha parte seja maior que a dele; vamos... tomemos da minha pilha algumas paveias que juntarei secretamente às suas; ele não se aperceberá disto, não poderá também recusar.»* E se bem o pensou, melhor o fez.

Na mesma noite, o outro irmão acordou e disse a sua mulher: *«Meu irmão é novo; vive*

*só e sem companhia; não tem ninguém que o ajude no seu trabalho nem para o consolar nas suas fadigas; não é justo que nós tomemos do campo comum tantas paveias como ele; levantemo-nos, vamos e levemos secretamente para a sua pilha um certo número de molhos; não dará por isso amanhã e não poderá recusar.»*

No dia seguinte os dois irmãos encontraram-se no campo e ficaram muito surpreendidos de ver que as pilhas estavam iguais. Nem um nem outro podiam inteiramente compreender este prodígio.

Fizeram a mesma coisa durante muitas noites a seguir; mas como cada um levava para a pilha o mesmo número de paveias, as pilhas ficavam sempre iguais, até que uma noite, tendo-se ambos posto de sentinela, para descobrir a causa deste milagre, encontraram-se levando cada um mólhos que mutuamente se destinavam...





## O HEROISMO DE UMA MULHER

VERSÃO de um CONTO FRANCÊS por QUINTINO LUIZ MADEIRA RAMOS

Desenho de EDUARDO MALTA

Em 18 de Abril de 1904, o chamado Matelot, guarda do farol de Kerdonis, situado longe de todas as habitações, adoeceu súbitamente quando limpava a lanterna do seu farol. À noite o homem agonizava. Era preciso acender a luz girante do farol, sob pena de causar talvez irreparáveis desgraças. A mulher abandonou o agonizante aos cuidados dos seus quatro filhos mais novos (a família tinha 6 filhos dos quais os dois mais velhos estão empregados na ilha), e ela subiu á torre. Quando desceu, seu marido expirou nos seus braços. Enquanto a desgraçada viuva chorava a perda de seu marido, um dos seus filhos levantou o braço súbitamente na direcção do fóco luminoso: — Mamã, o farol não gira.

A luz, com efeito, estava fixa. Matelot não tinha tido tempo, de manhã, quando limpava o mecanismo, de pôr no seu lugar os órgãos

essenciais; o farol brilhava, mas não girava. Isto era pior, talvez, para a segurança dos marinheiros do que se êle estivesse completamente apagado. A mulher, consciente do perigo que esta luz fixa podia fazer correr aos navios, subiu uma segunda vez à lanterna.

Durante uma hora inutilmente se esforçou por fazê-la girar. Por fim, não tendo podido conseguí-lo, tomou uma resolução que prova o poder que tem o sentimento do dever na alma da gente honesta. Fez subir os seus dois filhos mais velhos, 10 e 17 anos; e toda a noite os dois pequenos, seguros à lanterna, fizeram-na girar, sem um instante de desfalecimento.

Era o que o sentimento do dever e o espírito de dedicação impunham a uma desgraçada mulher, em um instante doloroso, em que era todavia mester que só pensasse nela e nos seus

Ora, o lugar onde um tão bom pensamento se tinha produzido ao mesmo tempo e tão perseverante aos dois irmãos, devia tornar-se um

lugar agradável a Deus; e os homens o abençoaram e escolheram para ali edificarem uma casa de Deus.

FIM

# PRISÃO DE JESÚS



Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Noite sem lua... brilham, no entretanto, mil estrélas no Céu! Desperto, Cristo, num horto de oliveiras, scisma... A um canto, dormem tranquilos seus discip'los.

Nisto,

à luz de cem lanternas, rubra luz, fulgem gumes de espadas e um magote de soldados em busca de Jesus, conduzidos por Judas de Iskarioth, avança e pára, à espera dum sinal, dum pérfido sinal: — um beijo dado por este no Rabi — seu Mestre — o qual, assim, seria a todos revelado.

Ao súbito alarido e intempestivo vozear da intrusa malta, estremunhados, levantam-se os discipulos mas, altivo, o Messias indaga dos soldados:

— «Quem buscais?!...»

— «A Jesus — o Nazareno!...»

— «Eu sou!» volve o Rabi; surpresas, mudas, fecham-se as bocas. Vendo-o, tão sereno, já o remorso invade a alma de Judas.

Porém, cumprindo de Caifás o mando, (as espadas erguendo à rubra luz e já refeito da surpresa) o bando, amarrando-lhe as mãos, prende Jesus.

Entretanto Simão, vendo o Rabi vencido pelo ardil de Satanaz, sacando duma espada, logo, ali, corta uma orelha a um servo de Caifás.

Mas já para Simão que, de alma ousada e incontido furôr, Jesus socorre, brada o Rabi: — «Simão, recolhe a espada, pois quem com ferro mata a ferro morre!»

Já do golpe sarado — (nova cura de Jesus) — scisma o servo de Caifás: — «Afinal, quem será tal criatura que até aos inimigos só bem faz?!»

E a própria soldadesca, que o conduz à casa do Pretôr, scismando vai: — «Quem será, afinal, este Jesus que tudo sofre sem soltar um ai?!»

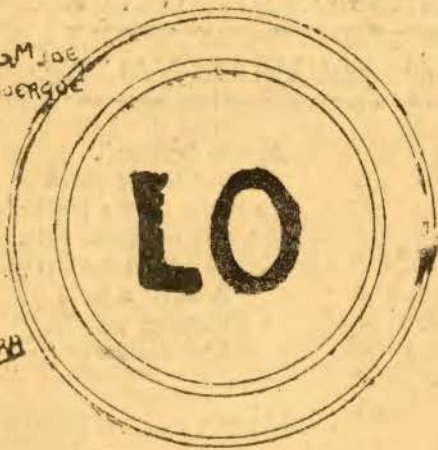
# HORA DE RECREIO

Palavras cruzadas

1			2	3
		4		
	5	6		
7				8
9			10	

Luis - Coimbra

- 1 - LIS G M DE
- 2 - RIBUQUERQUE
- 3 - M
- 4 - A
- 5 - R
- 6 - D
- 7 - N
- 8 - COIMBRA
- 9 - I



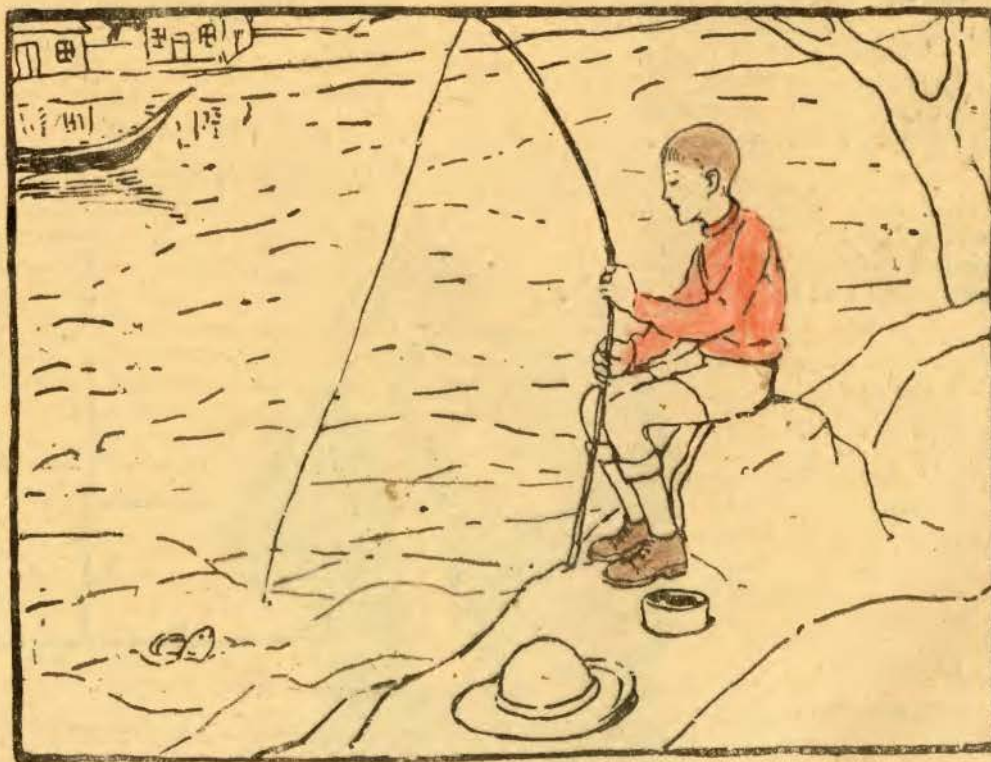
**HORIZONTALMENTE:** — 1, nota de música—2, batráquio—3, artigo—4, consoante—5, forma de verbo—6; idem—7, consoante—8, idem—9, respira-se—10, animal.

**VERTICALMENTE:** — 1, forma de verbo—2, consoante—3, indispensavel à vida—4, feminino de rio—5, consoante—6, forma de verbo—7, nota de música—8, antonimo de boa—9, artigo—10, consoante.

Juntar duas letras à sílaba «LO» de modo a formar palavras com as seguintes significações: 1, doce- 2, não vale nada—3, masculino de mula—4, bonito—5, forma de verbo—6, danado, zangado—7, forma de verbo—8, animal—9, idem.

Luis G. M. de Albuquerque

## PARA OS MENINOS COLORIREM



# O HOMEM DO PREGÃO

Por ERNESTO DE OLIVA

Desenhos de EDUARDO MALTA



Aquele homem...  
 — Quando êle passa  
 Eu fecho logo a janela  
 E fico por dentro dela,  
 Mesmo colada à vidraça,  
 A ouvir aquela  
 Cantiga singela,  
 Que diz assim:

— Há por i p...les de co...e...lho  
 Garrafas, jornais, fer...ro ve...lho?

E a criada Zeferina  
 Toda esperta e ladina,  
 Junto a mim,  
 Diz assim:

**A**quele homem...  
 Ai! que feio que êle é!  
 Passa aqui mesmo ao pé  
 Da minha porta, a gritar:  
 — Vendem peles de coelho,  
 Papel, garrafas, jornais,  
 Chumbo, cobre, outros metais  
 Farrapos e ferro velho?...

— Menina  
 Não seja má,  
 Vá!...  
 Senão  
 Eu chamo já  
 O homem do pregão...

A criada Zeferina  
 Quando eu bato no «Sultão»  
 Diz-me assim toda rabina:

— Menina!  
 Não seja má,  
 Vá!  
 Senão,  
 Vem cá,  
 Já,  
 O homem  
 Lobisomem  
 Do pregão...

